

## **“Dá Para Ouvir no Celular? Eu Não Sei!” - O Rádio e as Crianças em Venâncio Aires - RS**

Diego Weigelt e Verdiana Röhslér

Como citar este texto: WEIGELT, Diego; RÖHSLER, Verdiana. “Dá Para Ouvir no Celular? Eu Não Sei!” – O Rádio e as Crianças em Venâncio Aires - RS. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 09, n. 02, pp. 09-28, jul./dez. 2018.

### **“Dá Para Ouvir no Celular? Eu Não Sei!” – O Rádio e as Crianças em Venâncio Aires - RS**

Diego Weigelt<sup>1</sup>

Verdiana Röhslér<sup>2</sup>

Recebido em: 9 de junho de 2018.

Aprovado em: 7 de setembro de 2018.

#### **Resumo**

Vivemos em uma época de convergência, em que muitos meios de comunicação vêm se adequando e modificando as formas de transmitir e informar, sendo que a facilidade de acesso à programação veiculada em rádio atrai e torna ainda mais diversa a gama de ouvintes. Por isso, este trabalho busca identificar se as crianças ouvem rádio e qual a compreensão da informação que é transmitida. Através de grupo focal e aplicação de questionário, nosso foco é a recepção infantil, com a exposição de 20 crianças à síntese noticiosa Redação RVA, da Rádio Venâncio Aires AM 910 (RVA). Constate-se que as crianças ouvem rádio, muito por causa da audiência dos pais, e que não compreendem o meio além do aparelho.

**Palavras-chave:** Rádio; Criança; Novas tecnologias; Comunicação.

#### **Introdução**

A radiodifusão sobreviveu e reinventou-se com o passar dos anos e o advento de novas tecnologias. A primeira adversidade, na década de 1950, foi a chegada da televisão no Brasil. A nova forma de entreter a população fez muitos acreditarem que viria para, realmente, substituir o rádio. Não foi o que aconteceu. O meio, já consagrado,

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Comunicação - Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias, na Universidade Nova de Lisboa. [dw@mail.com](mailto:dw@mail.com)

<sup>2</sup> Jornalista formada em Comunicação Social e mestranda pela Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. [veridianarohsler@gmail.com](mailto:veridianarohsler@gmail.com)

manteve-se presente na vida das pessoas. Já a internet, na década de 1990, converge com o rádio, que passou a dispor de novas formas para ampliar seu conteúdo e público.

Levando em consideração o grande acesso e utilização de tecnologias ligadas à internet, deve-se compreender essa fase de midiamorfose<sup>3</sup> como uma oportunidade para o rádio conquistar mais espaço entre crianças e jovens. O fato é que

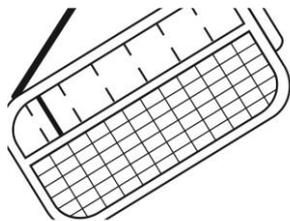
o rádio inclusive tornou-se visual na internet, com recursos como imagens de músicos e capas de discos, textos e fotos noticiosos, entre outros. Foi por isso que a forma de emitir e de receber informação precisou acompanhar essa evolução, inclusive fragmentando as audiências em função de diferentes interesses – é cada vez maior o número de ofertas segmentadas, focadas em determinado nicho (WEIGELT, 2015, p. 100).

Ao mesmo tempo em que se vivencia esse processo de segmentação, cada vez mais ganham ênfase as novas tecnologias e suas diversas formas de transmissão. Kischinhevsky (2007, p. 5) afirma, inclusive, que a iminência de meios digitais deve vir a tirar muito espaço do aparelho de rádio analógico, tornando-se esse apenas um "aparato obsoleto". No entanto, esclarece que "uma tecnologia não erradica necessariamente a outra, embora possa tomar espaços e atenções das mídias já existentes" (Kischinhevsky, 2007, p. 14).

Considerando o processo de convergência das mídias, com segmentação e seleção de conteúdo a ser transmitido e consumido, as crianças podem passar a ser um grupo mais abrangido pelo rádio. Mas ainda são poucas as pesquisas realizadas com o público infantil, menor de 10 anos. Estudo feito em todo Brasil, entre janeiro e dezembro 2015, revela que entre os entrevistados de 10 a 14 anos, 49% ouvem rádio. Já entre pessoas de 15 a 19 anos, chega a 59%. Para aqueles que têm de 20 a 29 anos, a porcentagem é de 61% e de 64% (MÍDIA DADOS, 2016).

---

<sup>3</sup> Termo de Roger Fidler (2002) que procura definir as transformações ocorridas em determinadas mídias em razão de transformações de natureza social, política, econômica e tecnológica que envolvem os meios de comunicação.



## **“Dá Para Ouvir no Celular? Eu Não Sei!” - O Rádio e as Crianças em Venâncio Aires - RS**

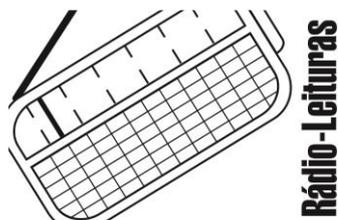
Diego Weigelt e Verdiana Röhslér

Haussen (1988) critica a falta de programação infantil no rádio desde a década de 1980, onde a população brasileira era 145 milhões de pessoas e cerca de 50 milhões tinham entre 0 e 14 anos. Dessa forma, na visão da autora, existia grande público para o rádio nesta faixa etária. Hoje, no Brasil, a população é maior e mais velha: são 207 milhões de pessoas, mas 24% ainda são crianças de 0 a 14 anos.

Na visão de Fernandes (2016), o rádio tem posto fim à participação da criança nos conteúdos radiofônicos. Ao identificar a falta de conteúdo infantil nesse meio de comunicação, ele lamenta que “no momento em que muito se discute sobre o futuro do rádio, são raros os esforços no sentido de se planejar e produzir programas de conteúdo voltado ao público infantil” (FERNANDES, 2016, p. 109). A própria segmentação do público ouvinte em relação ao conteúdo oferecido vem deixando de fora as crianças, sendo que os poucos programas exclusivos estão nas emissoras educativas e públicas.

No passado, o primeiro programa de rádio infantil no Rio Grande do Sul, foi *A Hora Infantil*, reproduzido pela Rádio Sociedade Gaúcha – atual Rádio Gaúcha. A programação foi transmitida entre os anos de 1935 e 1938 (HAUSSEN, 1988, p. 36). Ribeiro (2015, p. 68-70), também cita programas infantis que já fizeram parte de conteúdos radiofônicos em âmbito nacional. O *Quarto de Hora Infantil*, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, tinha 15 minutos de programação especialmente voltada às crianças, na década de 1920. Durante esse curto período, o então locutor João Kopke, abria espaço para a participação do público infantil. As crianças enviavam cartas para interagir com o apresentador, em um horário mesclado a informações jornalísticas:

O Quarto de Hora Infantil era a faixa de horário que a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro - primeira emissora oficial do país - destinava a crianças. Segundo a grade de programação publicada no primeiro número da revista *Eléctron*, em 1926, o programa era veiculado entre 17h45 e 18h, de segunda a sábado. Entrava em meio à programação regular vespertina, veiculada de 17h à 18h15, que contava com o *Jornal da Tarde* e um suplemento musical, antes dos 15 minutos infantis. Depois dos 15 minutos dedicados às crianças, vinham informações sobre a previsão do tempo e a cotação na bolsa de valores



do algodão, do açúcar e do café, além de outras notas e notícias (RIBEIRO, 2015, p. 69).

Atualmente, um exemplo de rádio desenvolvida exclusivamente para crianças no Brasil é a *Rádio Radinho*. Disponível na internet, a webradio e portal de conteúdo consistem em um projeto de André Prado, Edgard Piccoli e Roberto Coelho, voltado a crianças até oito anos de idade. Na descrição do site, a rádio é descrita como uma criação que pode servir de “via para a boa formação de pais e filhos”. No Facebook da *Rádio Radinho*, é relatada a programação oferecida em áudio e também o conteúdo disponível no site:

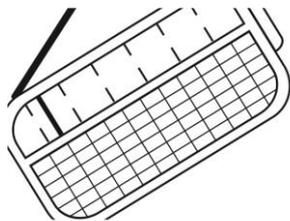
A Rádio Radinho é um portal informativo e uma web rádio voltada a pais, crianças até 8 anos, familiares e educadores. Sua grade de programação acompanha a rotina de pais e filhos, apresentando uma vasta opção de gêneros musicais com foco educativo, com o intuito de estimular as sensações e suscitar o diálogo. O portal oferece conteúdos nas áreas de saúde, nutrição, cotidiano e cultural.

12

O rádio, portanto, pode ser uma importante ferramenta no processo de aprendizagem, já que as crianças também consomem muitas mídias e, mesmo que não se ofereça a elas um conteúdo exclusivo, podem ser influenciadas por aquilo que é feito para outros públicos. Ao ouvir no rádio, por exemplo, o conteúdo que os pais consomem, pode ter capacidade de se informar e tirar conclusões. Lacunas podem ser deixadas nesse processo e, por isso, torna-se importante pensar também na possibilidade de oferecer à criança material específico, compreensível e que possa ser acessado facilmente, ampliando assim, sua participação na sociedade.

### **O que é ser criança?**

Conforme especificado no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), Art. 2º Lei Federal 8.069/90, "considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescentes entre doze e dezoito anos de idade". Assim



## **“Dá Para Ouvir no Celular? Eu Não Sei!” - O Rádio e as Crianças em Venâncio Aires - RS**

Diego Weigelt e Verdiana Röhler

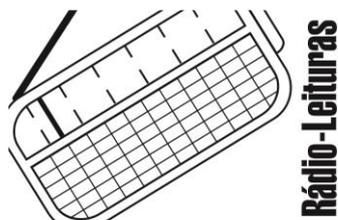
sendo, a caracterização ocorre levando em consideração o aspecto biológico do ser, como também a faixa etária em que se situa. A partir disso, Sonia Kramer (1999, p. 26) destaca que a infância é “tematizada em várias áreas do conhecimento e é motivo de mobilização de diversos segmentos da sociedade civil que, reconhecendo as crianças como cidadãos lutam para que os direitos sociais na letra da Constituição de 88 – entre eles o direito à educação – tornem-se fato”.

A infância é um período de inovação, quando o processo imaginário representa uma constante na vida da criança, remetendo “à fantasia, à imaginação, à criação, ao sonho coletivo, à história presente, passada e futura. Próxima dos mágicos e loucos, contraposta à racionalidade instrumental, a criança monta com cada peça, cada pedrinha que encontra, cada retalho, pau, bloco” (KRAMER, 1999, p. 36).

A infância também é definida como um período em que a pessoa desenvolve o seu protagonismo junto à sociedade. E para que isso aconteça com as crianças, “deve-se levar em conta um conjunto de atividades ou rotinas, artefatos, valores e algumas preocupações, possibilitando apropriar, reinventar e reproduzir o mundo que as rodeia” (VASCONCELOS, 2011, p. 163). A criança precisa ser caracterizada como um ser que não é somente passivo e que sofre influências, mas que participa e interage em seu processo de socialização.

A ampliação do conhecimento de uma criança parte da valorização das diversas formas de expressão propostas a ela:

Aliado à brincadeira, temos a fantasia, que ocupa destaque na vida da criança na construção de seu protagonismo e na visão de mundo; e da atribuição de significado aos objetos. Os espaços e tempos nas instituições precisam ser criados de modo a possibilitar a interação, o brincar, o fantasiar e a forma de se expressar das crianças. Num ambiente assim, as condições são favoráveis para valorizar e ampliar os conhecimentos sobre as práticas das crianças, pois, nesse espaço organizado, as diversas formas de expressão, oriundas dos desenhos, movimentos corporais e expressões emocionais são incentivadas. Agindo dessa forma, quebra-se mais um paradigma, onde predomina uma visão de educação presente na sociedade, que valoriza o desenvolvimento da razão e domestica o corpo e as emoções. Neste



contexto, as instituições, criadas até então, têm funcionado para atender ao público infantil, impondo às crianças coerções, erros psicológicos motivados pela burocratização, o comportamento estanque e a rivalidade, que travam entre si para manter o domínio sobre determinadas faixas etárias ou atividades (VASCONCELOS, 2011, p. 164).

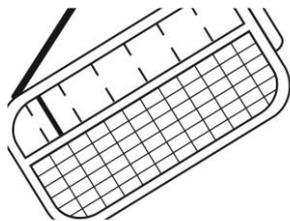
Ser criança, então, não significa apenas pertencer à determinada faixa etária, nem possuir o privilégio de poder imaginar, sonhar e inventar a partir das brincadeiras praticadas. Mas, é uma fase da vida em que se necessita de grande atenção, com foco especial no ensino - seja ele na escola ou em casa. E mesmo antes de dar início à fase de escolarização, uma criança já pode transformar em conhecimento as informações que recebe. O estímulo ao aprendizado, que envolve também a valorização da criança, torna-se ainda mais importante quando seu papel é destacado na sociedade.

É preciso dar oportunidade para que a criança se comunique e faça parte da comunicação. Steinberg e Kincheloe (2001) afirmam que a infância não se deve mais ser tratada como um tempo de inocência e de dependência do adulto, pois as crianças já têm amplo acesso à cultura popular.

Não há dúvida de que a infância está mudando, muitas vezes como resultado de seu contato com a cultura infantil e outras manifestações mais adultas da cultura média [...]. Uma vez que os pais não vão muito longe no controle das experiências culturais dos filhos, eles se distanciam do seu papel tradicional de moldar a visão do mundo e os valores dos filhos [...]. Programas de TV, cinema, videogames e música (com fones de ouvido que lhes permitem se isolar dos adultos) agora são o domínio privado das crianças [...] (STEINBERG, KINCHELOE, 2001, p. 32-33).

## **O rádio e as crianças em Venâncio Aires - RS**

Esta pesquisa qualitativa, amparada em dados quantitativos e baseada em questionário e grupo focal, tem como objetivo analisar a forma como vinte crianças, entre oito e dez anos de idade, recebem e compreendem as informações da síntese noticiosa Redação RVA, edição do dia 17 de abril de 2017, transmitida ao vivo pela Rádio

**“Dá Para Ouvir no Celular? Eu Não Sei!”  
- O Rádio e as Crianças em Venâncio Aires - RS**

Diego Weigelt e Verdiana Röhslér

Venâncio Aires AM 910, entre 15h e 15h10min, de segunda a sexta-feira. A rádio a ser analisada foi escolhida considerando ser essa a única de frequência AM do município, o que lhe coloca em uma posição de veículo mais noticioso que as demais emissoras, de frequência FM, em Venâncio Aires<sup>4</sup>.

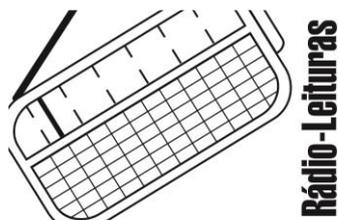
Participaram do questionário e do grupo focal 20 crianças, 10 da Escola Monte das Tabocas, localizada na zona urbana de Venâncio Aires, e 10 da Escola Cristiano Bencke, da área rural do mesmo município, sendo 5 meninos e 5 meninas, de oito a dez anos de idade.

Após a aplicação do questionário teve início a apresentação da síntese noticiosa. Os assuntos abordados durante o programa de rádio, em formato de reportagens e notas, abrangeram as editorias de saúde, política, esportes e geral. A abertura ocorre com locução de hora e temperatura e leitura da escalada com as manchetes do que será apresentado, junto de trilha e efeitos característicos da síntese. Os apresentadores intercalam a apresentação das notícias, que também contam com sonoras de entrevistados editadas anteriormente. Como característica de rádio AM, os trabalhos técnicos são feitos por outro profissional, que opera a mesa de áudio.

O programa dessa edição tem duração total de 8 minutos e 46 segundos. Após a abertura e a leitura da escalada, é apresentada a primeira informação da síntese, cujo tema central é a saúde. Contendo sonoras de entrevista com o secretário da Saúde de Venâncio Aires, Ramon Schwengber, a reportagem fala sobre a existência de fila de espera para realização de cirurgias eletivas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) no município. Já a segunda informação apresentada no Redação RVA trata de política. Na reportagem, o deputado federal Sérgio Moraes fala que não deve mais concorrer em eleições. Natural de Santa Cruz do Sul, o político é conhecido na região dos Vales do Rio Pardo e Taquari e no material, além de falar de sua vida política, ele anuncia aposentadoria dessa carreira.

---

<sup>4</sup> Venâncio Aires é polo central entre os Vales do Taquari e Rio Pardo, no Rio Grande do Sul. Localizada a 130 km de Porto Alegre, a cidade tem 70.481 habitantes.



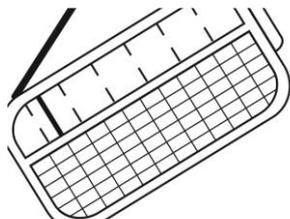
Após duas reportagens com sonoras, ocorre apresentação de uma nota. A terceira informação fala sobre as datas do então pagamento do IPVA para determinados números de placas de veículos no Rio Grande do Sul. E a quarta e última informação da síntese noticiosa trata sobre esporte, com ênfase para a situação do Esporte Clube Guarani, que venceu partida de futebol contra o Guarany de Bagé. A reportagem conta com sonoras do técnico do Clube em Venâncio Aires, Gelson Conte. Após a apresentação da informação esportiva, o programa possui efeito sonoro que indica seu término, quando também é feito o encerramento pelos apresentadores e anunciadas as próximas edições de material jornalístico na programação da emissora.

A escolha da faixa etária envolvida no trabalho ocorreu também, pois, nesta fase em que cumprem seu processo de desenvolvimento e de inserção na sociedade, tornam-se importante identificar se as crianças costumam ouvir rádio e o que entendem a partir do que ouvem. Acredita-se que é nesse processo de formação que se pode criar o hábito cultural de ouvir rádio.

### **Escola Monte das Tabocas**

Dos resultados, destaca-se que 80% crianças questionadas ouvem rádio e 20% disseram não ouvir. Em divisão por gênero, 100% dos meninos responderam escutar. Já entre as meninas, o índice das que ouvem rádio chega a 60%. Sobre a presença do aparelho de rádio em casa, 60% das crianças afirmaram possuí-lo em suas residências. As respostas positivas, inclusive, eram muitas vezes reverberadas com tom de convicção. Foi possível perceber entre os estudantes a ideia de que esse aparelho representa uma necessidade em casa.

Das crianças que ouvem rádio, 25% responderam que fazem isso sozinhos. E 75% disseram que ouvem acompanhados de pais ou outro adulto. Os números também são bastante representativos, já que algumas das crianças buscam o conteúdo radiofônico por iniciativa própria, escolhendo a programação e a emissora que desejam ouvir. Sobre os que escutam o veículo junto de outras pessoas, é importante ressaltar que, apesar de



## **“Dá Para Ouvir no Celular? Eu Não Sei!” - O Rádio e as Crianças em Venâncio Aires - RS**

Diego Weigelt e Verdiana Röhslér

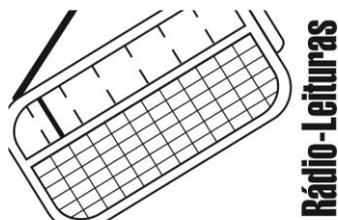
não buscarem sozinhos por programação, também podem vir a ser influenciados pelo conteúdo.

Sobre as emissoras que mais escutam, foi permitido que as próprias crianças relatassem as mais ouvidas. Todos os estudantes que utilizam rádio lembraram dos nomes das emissoras mais ouvidas por eles ou pela família, enfatizando o envolvimento com o meio. Foram citados veículos do município em que moram, como Rádio Venus FM com 37,5%, Rádio Terra FM com 25%, Rádio Venâncio Aires AM também com 25%, além da Rádio Atlântida FM com 12,5%. Destaca-se que as rádios citadas possuem programações diferentes, abrangendo diversos tipos de conteúdo.

Já ao serem perguntados sobre a posse de algum aparelho eletrônico, como *tablet* e celular, 90% responderam que os possuem. Apenas 10% das crianças disseram não utilizar nenhum deles. Dentre os equipamentos citados como utilizados, está o celular para 66,7% e o *tablet* para 33,3%. Na escola onde estudam, não é permitido o uso desses equipamentos em sala de aula, por isso o uso acontece apenas em casa, junto de suas famílias.

Os alunos também foram perguntados se já haviam utilizado seus aparelhos para ouvir rádio ou acessar o site de alguma emissora. Das crianças, 33,3% disseram que já ouviram rádio pelo *tablet* ou celular, enquanto que 66,7% nunca usaram o aparelho para esse fim. A pergunta também surtiu reações diversas, pois alguns dos alunos consideraram “estranho” poder ouvir programação radiofônica, sem ser pelo aparelho de rádio. Ainda 11,1% disseram já ter utilizado o aparelho para entrar no site de alguma emissora e 88,9% nunca o fizeram. Muitos não sabiam que era possível ouvir rádio pelo celular, nem que rádios possuem sites com conteúdo à disposição. Em contraponto, um dos meninos também foi enfático ao responder: *“Sim, já entrei para ver fotos de uma festa”*.

As crianças que ouvem rádio também foram questionadas sobre o tipo de programação mais ouvida. 50% disseram que escutam mais programação musical no rádio. Para 25%, a programação noticiosa jornalística é mais consumida. Outros 12,5%



responderam que ouvem mais programação esportiva. E 12,5% também ouvem entretenimento. Os segmentos sugeridos enaltecem, portanto, a gama de conteúdo consumido pelas crianças, que não caracterizam o rádio apenas como um reproduzidor de músicas, mas reconhecem a informação que também é transmitida por ele.

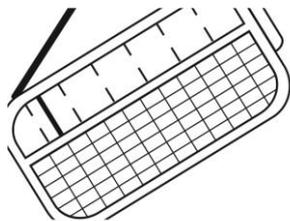
***“Meu avô ligou para a rádio e pediu uma música para mim, daí o apresentador falou meu nome”.***

Após aplicação de questionário com as crianças, teve início o processo de realização do grupo focal. A apresentação do Redação RVA aos alunos ocorreu por meio do uso de um notebook. Antes mesmo do início, um dos meninos participantes, ao perceber a presença do aparelho eletrônico, questionou se havia vídeo na apresentação. Foi explicado que, assim como no rádio convencional, a apresentação das informações ocorre somente por meio de áudio, sem conteúdo visual.

Houve solicitação às crianças que prestassem atenção na síntese, em especial no conteúdo, para que depois pudesse ocorrer um debate sobre o programa. Todos se mantiveram em silêncio e foi dado início ao áudio do programa. A atenção se manteve até por volta dos primeiros seis minutos da síntese. Após isso, alguns dos alunos começaram a ficar inquietos e demonstrar dificuldade em permanecer em situação de escuta. No entanto, quando um barulho era ouvido, o pedido de silêncio partia de outros colegas interessados em ouvir e compreender o conteúdo.

No início das informações esportivas, a reação de alguns meninos chamou atenção: houve olhares e sinais de afirmação, como motivo de reconhecimento do assunto, já que tratava do clube de futebol do município, o Guarani. Inclusive, a notícia de que o time poderia competir contra o Inter de Santa Maria espantou um dos garotos, que pensou se tratar do Internacional de Porto Alegre. Após, outros colegas explicaram para ele, porém, que a referência do programa não era ao time da capital.

Nos momentos de troca de voz, quando alternam os apresentadores, ou mesmo apresentador e fonte, também havia reação das crianças. A modificação de trilha e o uso de efeitos também chamou atenção, provocando mudança nas expressões dos



## **“Dá Para Ouvir no Celular? Eu Não Sei!” - O Rádio e as Crianças em Venâncio Aires - RS**

Diego Weigelt e Verdiana Röhslér

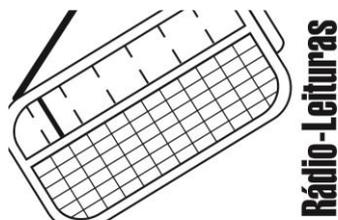
ouvintes. Houve ordem e atenção por parte da maioria dos participantes até o término do programa. Após, ao serem questionadas sobre a apresentação, as crianças puderam falar sobre suas percepções e relatar fatos que haviam chamado atenção. Duas das meninas disseram ter sentido sonolência ao ouvir. Os demais, afirmaram ter gostado do conteúdo e da forma de apresentação.

Ao serem perguntados sobre qual teria sido a primeira reportagem que ouviram, alguns lembraram ser sobre saúde. Sem se aprofundar muito no assunto, uma das meninas tentou relatar que o entrevistado, secretário da saúde Ramon Schwengber, havia participado. No entanto, não lembrava mais o cargo dele e confundiu o seu nome por “Raul”. Mesmo assim, reverencia-se o fato de que a criança teve lembranças da informação, ainda que não aos detalhes.

A segunda reportagem, sobre política, foi mais debatida, pois as crianças lembraram ser do deputado federal Sérgio Moraes. Ao serem questionados sobre o assunto, lembraram que ele deixaria a política. Ao mesmo tempo, demonstraram conhecimento sobre ele, inclusive lembrando que é o pai do também político e deputado estadual Marcelo Moraes. Alguns dos alunos também relacionaram o tema com familiares que já haviam concorrido em eleições municipais. Um dos alunos comentou: *“Meu pai também é político e já concorreu a vereador. Ele trabalha na prefeitura”*.

A nota sobre o IPVA, sem sonoras, não chamou atenção. Nenhum dos alunos lembrou-se do assunto. Já sobre a notícia esportiva, demonstraram bastante interesse. Até mesmo críticas surgiram, sendo que um dos garotos referiu que a qualidade do áudio na entrevista do técnico do clube não era boa e que houve necessidade de esforço para compreensão: *“Não consegui ouvir direito quando o técnico do time falou. Estava bem ruim. Tinha que prestar muita atenção para entender”*.

Com relação à escuta de outras edições da síntese Redação RVA, apesar de estudarem no período da tarde - quando ocorre a apresentação - quatro dos alunos disseram já ter ouvido alguma edição. Outro detalhe que chamou atenção se refere ao



fato de que na RVA, a cada 15 minutos, é dado o sinal da hora certa. Consiste em um bip, tradicional na emissora. Os alunos reconheceram o som e relataram lembrar que era característico da emissora, pois já haviam ouvido diversas vezes. *“Quando eu ouvi o bip, tive certeza que era da RVA”*, disse um dos garotos.

Ao fim da análise, os estudantes ainda relataram, por iniciativa própria, lembranças que têm com o rádio. Uma das meninas, que até então se mantinha em silêncio, pediu permissão para falar e disse que seu nome já havia ‘aparecido’ no rádio: *“Meu avô ligou para a rádio e pediu uma música para mim, daí o apresentador falou meu nome”*.

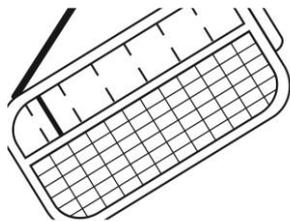
Um outro menino também se referiu a uma rádio apenas pela frequência, perguntando qual era a 98.1 FM (referindo-se à Rádio Interativa). Ele ressaltou que conhece um dos apresentadores: *“O Tavinho Botelho, que apresenta programa, é amigo do meu pai e eu já liguei lá para pedir uma música”*. Um dos garotos também apontou que rádio é companheiro diário da família: *“Nós sempre ouvimos rádio, por que a minha mãe tem loja, então ouvimos o dia inteiro durante o trabalho dela”*.

Outro fato que chamou bastante atenção entre os alunos foi de um dos meninos que disse gostar de ouvir esporte pelo rádio. *“Sempre que tem jogos do Guarani e da Assoeva eu ligo o rádio e escuto”*, disse ele. Os jogos desses clubes de futebol e futsal de Venâncio Aires, geralmente são transmitidos pelas emissoras locais. O garoto disse ainda que quando ouve, liga o rádio por iniciativa própria e que não se importa de escutar sozinho.

A conversa com os estudantes também se referiu à importância que o rádio tem no Brasil. Quando foi relatado a eles que o rádio existe no país há mais de 90 anos e que existem grandes emissoras no Rio Grande do Sul, um dos garotos ressaltou *“É, eu vi na TV que a Rádio Gaúcha já tem 90 anos”*.

### **Escola Cristiano Bencke**

Dos resultados, destaca-se que o rádio é um meio de comunicação tradicional, importante e muito ouvido pelas famílias moradoras da zona rural de Venâncio Aires.



## **“Dá Para Ouvir no Celular? Eu Não Sei!” - O Rádio e as Crianças em Venâncio Aires - RS**

Diego Weigelt e Verdiana Röhslér

Todos os participantes da pesquisa responderam possuir rádio em casa, correspondendo a 100% dos envolvidos. Além disso, dos dez alunos, nove disseram ouvir conteúdo radiofônico, correspondendo a 90% de audiência. Apenas uma das meninas, ainda que tenha o rádio em casa, disse que não o ouve.

Entre os cinco meninos e as cinco meninas que participaram, 100% do público masculino disse ouvir rádio. Entre as garotas, o índice ficou em 80%, sendo que 20% não escutam. Os números enaltecem a grande audiência que esse meio tem no interior do município, registrando abrangência até entre as crianças. A valorização desse meio como fonte de informação e entretenimento, muitas vezes passada de pais para filhos, ganha ênfase quando o público infantil mostra que faz da atividade dos pais uma forma de também receber conteúdo.

Os estudantes também foram questionados se, quando ouvem rádio, fazem isso sozinhos ou acompanhados. A maioria respondeu que escuta junto de algum adulto, representando 77,8%. Mas, 22,2% também apontaram que ouvem sozinhos e por iniciativa própria. A partir do incentivo dos pais, a valorização do meio de comunicação e suas diversas formas de interagir com o público são ainda mais fortalecidas. A pesquisa aponta que os filhos não estão somente ouvindo rádio junto de adultos, mas também estão dando importância a esse meio, não deixando que passe despercebido.

Sobre a denominação da emissora mais ouvida em suas casas, ocorreu determinada dificuldade, pois, apesar de reconhecerem os conteúdos a que estavam acostumados a ouvir, não lembravam dos nomes das rádios. 66,7% das crianças não sabiam quais as rádios que ouviam. Além disso, apenas um nome de emissora surgiu entre os entrevistados no interior. A Rádio Venâncio Aires AM 910 foi indicada por 33,3% dos alunos como a rádio mais ouvida em casa.

Os nomes das rádios, ou mesmo a frequência, não eram lembrados pelas crianças nem tratados com relevância. Apesar de ter consciência de que os pais ouvem e de afirmar que acompanham essa audiência, não sabiam dizer muitas vezes o nome correto da emissora ouvida. O que era mais lembrado, porém, era algum segmento ou

mesmo o nome de um locutor. Entre as respostas sobre as rádios mais ouvidas estiveram *“aquela que tem notícias”*, *“a que dá o programa do Marcelo Frey de tarde”* ou *“é uma que tem música”*.

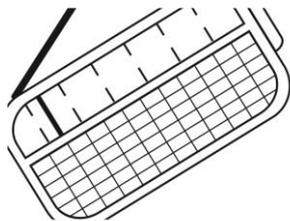
Já ao ser perguntados sobre a posse de algum aparelho eletrônico próprio, os resultados ficaram divididos e também abaixo dos números surgidos na pesquisa com alunos da escola da cidade. Metade dos estudantes do interior disse ter algum equipamento (50%) e a outra metade apontou que não tem (50%). Observou-se, inclusive, que para os alunos da zona rural, possuir algum eletrônico não é considerado algo relevante, já que ao afirmarem não tê-lo, o assunto era tratado com certa indiferença, indicando que não têm necessidade de possuí-los.

Das 50% das crianças que possuem equipamentos próprios, 20% têm apenas celular; outros 20% têm celular e *tablet*, e 20% possuem celular e computador enquanto que 40% disseram ter somente *tablet*. Mesmo tendo posse desses equipamentos, nenhum dos estudantes disse já ter os utilizado para ouvir rádio ou acessar o site de alguma delas. Um dos meninos ao ser perguntando sobre a utilização do seu eletrônico para esse fim até estranhou: *“Dá para ouvir no celular? Eu não sei!”*.

Nota-se a falta de informação às crianças que, mesmo contendo diversos equipamentos que possibilitam acesso à informação, não estão sabendo utilizá-los para determinadas ações. O fato de enxergarem o rádio apenas no modo convencional, utilizado pelos pais somente para ouvir, também interfere na capacidade de busca desse veículo nas demais plataformas. O rádio portátil, de fácil acesso pelo celular e até visual, não é conhecido por muitos e, por isso, até considerado inexistente.

Outra pergunta feita às crianças também se refere ao tipo de programação que mais costumam escutar. Apenas duas opções surgiram, mas que referem ao que pode ser o essencial para moradores do interior que ouvem rádio, muitas vezes, enquanto trabalham. Entre os alunos, dos que ouvem rádio, 44,4% disseram ouvir mais música. E para 55,6%, a programação noticiosa jornalística é mais presente no aparelho radiofônico de casa.

Os segmentos apontados, mesmo que sejam os mais tradicionais no meio radiofônico, podem ter sido também generalizados pelas crianças. Para elas, qualquer

**“Dá Para Ouvir no Celular? Eu Não Sei!”  
- O Rádio e as Crianças em Venâncio Aires - RS**

Diego Weigelt e Verdiana Röhslér

tipo de programação falada, seja ela de reportagem, apresentação de programa cultural, entrevista ou debate, pode ser considerada informação noticiosa. As músicas, então, seriam o entretenimento.

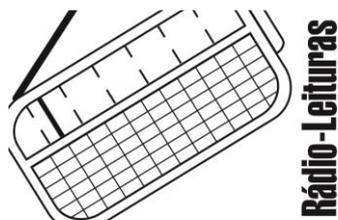
***“Um dia o Marcelo Frey me convidou para cantar no programa dele na Rádio. E então meu pai me levou lá. Foi bem legal”.***

Depois de ser realizado questionário individual com os alunos, houve a apresentação da síntese Redação RVA. Após o término do programa, os alunos puderam se referir ao conteúdo que ouviram, quando destacaram determinados pontos. Houve certa dificuldade para lembrar dos assuntos abordados, mas a reportagem sobre saúde, relativa ao Hospital São Sebastião Mártir de Venâncio Aires, foi lembrada por algumas das crianças. Sobre o assunto, alguns disseram se tratar “de dinheiro que o Hospital vai receber”. Outros tentaram explicar que tratava das pessoas que aguardavam para realizar cirurgias. Ao pensarem no conteúdo ouvido, também recordaram algumas palavras faladas pelos apresentadores, como UPA, Hospital e saúde.

As crianças lembraram ainda que havia uma reportagem envolvendo um político no programa, mas não sabiam mais dizer seu nome nem o assunto da matéria. Sobre o fato, um dos meninos pediu a palavra para responder e disse: *“Eu não me lembro muito bem, mas pelo que eu entendi, ele está na Câmara, mas disse que vai se aposentar”.*

O esporte também foi lembrado por alguns garotos, enquanto que as meninas se mantinham mais quietas e preferiam não falar sobre o programa. Os meninos citaram que na síntese havia sido falado sobre os jogos do Guarani e da Assoeva, clubes de futebol e futsal do município. As demais matérias não foram citadas pelas crianças, mesmo que estimuladas a pensar sobre a programação ouvida.

Os participantes também destacaram que a hora e a temperatura eram faladas com frequência pelos apresentadores do programa. Ao mesmo tempo, reconheceram o bip característico da hora certa na Rádio Venâncio Aires AM 910, questionando qual o



seu significado na programação. Durante a conversa, os alunos também destacaram que costumam ouvir muitas notícias em casa junto dos pais, principalmente, quando acompanham o trabalho diário da família no interior.

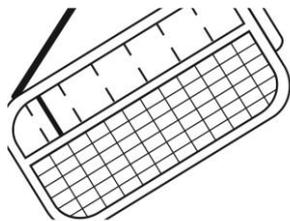
Como na zona rural de Venâncio Aires é comum o trabalho na lavoura em produções como tabaco, soja e milho, há atividades que precisam ser desenvolvidas na propriedade da família, como por exemplo, nos galpões. É nesse momento, que o rádio acompanha os trabalhadores rurais, ficando ligado em boa parte do período em que desenvolvem seus serviços. Isso foi um dos apontamentos feitos pelos estudantes, já que veem seus pais vivenciar isso no dia-a-dia.

Além disso, como os integrantes dessas famílias costumam trabalhar apenas com suas atividades caseiras e rurais, passam bastante tempo em suas residências. Por conta disso, é comum o rádio ser ligado pela manhã e assim permanecer até a noite. Muitos nem modificam a estação ouvida, apenas tirando a tomada do aparelho da energia elétrica ao desligá-lo.

Ressalta-se que na RVA trabalha um o comunicador que reside no interior de Venâncio Aires, sendo bastante reconhecido e lembrado em determinadas localidades da zona rural do município. Marcelo Frey tem também relação com a escola onde houve a observação, já que a filha dele estuda no nono ano do educandário. Importante também, é que o programa apresentado pelo profissional na emissora - Encontro Alegre - remete à valorização da cultura alemã, utilizando muitas vezes o vocabulário dessa língua.

O comunicador Marcelo Frey também foi lembrado pelos estudantes, em especial por a região de Centro Linha Brasil ser majoritariamente colonizada por imigrantes alemães e os atuais moradores serem descendentes desse povo. Os alunos, muitos deles com sotaque proveniente da fala da língua alemã em casa, lembraram do locutor e destacaram ouvir sua programação, que ocorre no período da tarde, entre 13h e 15h. O apresentador trabalha na RVA desde 1999, sendo um incentivador da cultura alemã no município.

A relação entre as crianças e um profissional de rádio aparentou ser bastante importante para os entrevistados. Ao serem questionados se mais alguém conhecia o



## **“Dá Para Ouvir no Celular? Eu Não Sei!” - O Rádio e as Crianças em Venâncio Aires - RS**

Diego Weigelt e Verdiana Röhslér

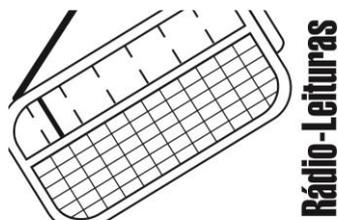
comunicador ou algum outro profissional, um dos alunos enfatizou que *"já havia até ido na casa do Marcelo Frey"*. Já outro garoto destacou que tinha até participado da programação na emissora: *"Um dia ele me convidou para cantar no programa dele na Rádio. E então meu pai me levou lá. Foi bem legal"*.

### **Considerações finais**

Nesta pesquisa obtivemos dados e informações que apontam o rádio como um meio bastante apreciado por crianças. Seja na cidade ou no interior do município de Venâncio Aires, esse veículo de comunicação é tido como uma importante fonte de informação e de entretenimento. No que se refere à forma de escuta, muitos ouvem junto dos pais e, principalmente, utilizando o aparelho convencional de rádio. A companhia dos pais ou qualquer outro adulto durante essa escuta ocorre porque a atividade se torna um costume entre as famílias.

Boa parte das crianças observadas, principalmente as moradoras da zona urbana, possui algum tipo de aparelho eletrônico que usam no dia-a-dia, como *tablet*, celular, *smartphone* ou computador. Elas têm abertura para acessar a internet, utilizando esses mecanismos para estudo e entretenimento. É indiscutível que os dispositivos estão cada vez mais presentes entre o público infantil e influenciando seus modos de agir e pensar, mas, apesar disso, existem possibilidades que ainda são desconhecidas por parte das crianças. Mesmo podendo usar seus eletrônicos com certa liberdade, poucos sabem, por exemplo, que é possível ouvir rádio pela internet. A maioria das crianças nessa pesquisa desconhece que através do celular podem baixar aplicativos ou acessar sites de rádios que ouvem tradicionalmente pelo aparelho.

Enquanto não enxergam nas crianças potenciais ouvintes, as rádios comerciais não investem nesse público e também não criam nada que possa ser consumido por elas. É fato que a geração de conteúdo depende de investimentos e como crianças não



compram – já que são dependentes dos seus responsáveis – não são vistas como consumidores, como parte de um público gerador de lucro.

Para as crianças das escolas de Venâncio Aires o rádio é um aparelho fixo, não portátil, e transmissor de conteúdo majoritariamente adulto, mas que também instiga, por gerar curiosidade. A própria relação que se estabelece entre adultos e crianças no momento da escuta se transforma em conhecimento, quando são comentados ou debatidos assuntos ouvidos. É comum as crianças perguntarem se há ‘uma pessoa dentro do rádio’ ou então ter curiosidade de saber ‘quem está falando’. E talvez seja esse mesmo estranhamento que não deixa as crianças acharem possível ouvir na rua, pelo celular, aquele mesmo rádio que fica em cima da mesa de casa.

É fato que o rádio tem público em todas as faixas etárias e que continuará sendo um companheiro, exercendo seu papel informativo e educativo. E para garantir que o meio se mantenha forte, é preciso lembrar de todos os públicos. Valoriza-se os ouvintes fiéis, na mesma medida em que se buscam os novos. As crianças, então, não precisam ser apenas os ouvintes do futuro, mas também os ouvintes de agora.

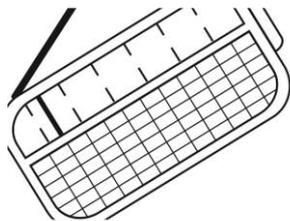
### **Referências bibliográficas:**

BIANCHI, Graziela Soares. **A participação do rádio nas construções e sentidos do rural vivido e midiaticizado**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: CBIA, 1990.

BIRCK, Cristiane. **Rádio e suas possibilidades de aprendizagem no contexto da educação infantil**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Chapada, Rio Grande do Sul, 2010

FERNANDES, Rodrigo Fonseca. Brincando com sons: os programas infantis de rádio como experiência da cultura do ouvir. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 07, n. 01, p. 108- 125, jan./jun, 2016.



**“Dá Para Ouvir no Celular? Eu Não Sei!”  
- O Rádio e as Crianças em Venâncio Aires - RS**

Diego Weigelt e Verdiana Röhslér

FIDLER, Roger. **Mediamorphosis** – Understanding New Media. California: Pine Forge Press, 2002.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. **Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção.** Estudos e pesquisas em psicologia. UERJ, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 147-160, 2007.

HAUSSEN, Dóris Fagundes. **Rádio e criança: um estudo sobre a ausência de programação infantil nas rádios de Porto Alegre.** São Paulo, 1988.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **O rádio sem onda: convergência digital e novos desafios na radiofusão.** Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

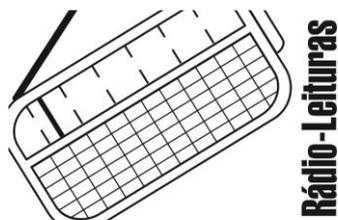
STEINBERG, Shirley R; KINCHELOE, Joe L. **Cultura Infantil: a construção corporativa da infância.** Tradução de George Eduardo Japiassú Bricio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

KRAMER, Sonia. **Pesquisando infância e educação: um encontro com Walter Benjamin.** Infância: Fios e desafios da pesquisa. In. KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (Organizadoras). São Paulo: Papirus, 1999.

RIBEIRO, Adriana Gomes. **A criança em situação de escuta: uma aproximação à audiência infantil de rádio.** Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2015.

VASCONCELOS, Fábio. **O currículo e a infância.** Evidência: Araxá, v. 7, n. 7, p. 161-170, 2011.

WEIGELT, Diego. **O rádio e os jovens em Portugal: usos e hábitos.** Rio de Janeiro: UERJ, 2015.



Vol 9, Num 02

Edição Julho – Dezembro 2018

ISSN: 2179-6033

<http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/radio-leituras>

### **Abstract**

We live in a time of convergence, where many media are adapting and modifying the ways of transmitting and informing, and the ease of access to radio programming attracts and makes the range of listeners even more diverse. Therefore, this work seeks to identify if children listen to radio and what the understanding of the information that is transmitted. Through a focus group and questionnaire application, our focus is the children's reception, with the exposure of 20 children to the RVA Redacción news synthesis, of Radio Venâncio Aires AM 910 (RVA). Note that children listen to radio, much because of their parents' hearing, and that they do not understand the medium beyond the device.

**Keywords:** Radio; Children; New technologies; Communication.

### **Resumen**

Vivimos en una época de convergencia, en la que muchos medios de comunicación se vienen adecuando y modificando las formas de transmitir e informar, siendo que la facilidad de acceso a la programación vehiculada en radio atrae y hace aún más diversa la gama de oyentes. Por eso, este trabajo busca identificar si los niños oyen radio y cuál es la comprensión de la información que se transmite. A través de grupo focal y aplicación de cuestionario, nuestro foco es la recepción infantil, con la exposición de 20 niños a la síntesis noticiosa Redacción RVA, de Radio Venâncio Aires AM 910 (RVA). Se constata que los niños oyen radio, mucho a causa de la audiencia de los padres, y que no comprenden el medio más allá del aparato.

**Palabras Clave:** Radio; Niños; Nuevas tecnologías; Comunicación.